

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma das experiências extensionistas realizadas no Curso de Educação Física da UCB articulada ao ensino. O intuito foi de consolidar, na prática, as teorias aprendidas em sala de aula, inserindo estes alunos, recém ingressos na Educação Superior, no atual contexto social, e principalmente, na comunidade local. A percepção de seu papel e importância na realização desta atividade contribuiu para a construção de uma auto-imagem mais positiva como futuro profissional.

Formação de professores: a possível intersecção entre ensino e extensão

*FERREIRA, Sandra Mara Bessa

*SILVA, Ronaldo Rodrigues da

**TONISSI, Mileno Antônio

Formação de professores: associando teoria e prática

É consensual a afirmação de que a formação de professores merece um olhar mais atento das Instituições de Educação Superior, tendo em vista a necessidade de a escola atualmente responder às demandas sociais de inserção, seja profissional, seja cultural. A grave crise enfrentada pela sociedade faz com que as expectativas de solução se voltem definitivamente para a educação. E embora tenhamos hoje a consciência de que a educação não poderá ser a redentora da sociedade, no sentido

de que solucionará por si só todos os seus problemas, é ponto pacífico que a transformação social que se quer só poderá ocorrer se contar com a parcela de mudança requerida da educação.

Quando se fala nessa necessidade de transformação, é preciso atentar para o fato de que só haverá mudança possível a partir da e com a atuação dos profissionais de educação. Trata-se de reconhecer a importância da formação continuada dos profissionais que já atuam nas escolas, e antes da formação de professores nos cursos de licenciatura. No curso de Educação Física da UCB, o que se objetiva é ir além da melhor formação, é oferecê-la de uma forma diferenciada.

“Assistimos a novos modos para difundir o conhecimento e não há estradas iguais para chegar-se a ele. Serão requeridas outras formas e modelos de organização, enquanto transformamos as práticas educacionais já conhecidas. (...) O século XXI demanda que a educação seja parte de um novo círculo virtuoso que torne a sociedade mais humana. Nesta nova era que se inicia espera-se muito das novas gerações, de sua capacidade de construir e de consertar as enormes distorções, ainda existentes, na nossa região.” (HERRERA, 2000)

A proposta aqui gestada, e da forma como se apresenta, responde concretamente à angústia de um grupo de professores que quer ultrapassar os limites do mero formalismo tradicional da sala de aula que, isoladamente, pouco contribuem para o engajamento profissional dos egressos das licenciaturas em nosso país. O que se requer de fato é a superação de modelos engessadores de um pensar crítico e reflexivo sobre os processos de ensino-aprendizagem que ocorrem na escola. Enfim, não se pode mais pensar a formação de professores que não estejam preparados para enfrentarem uma situação real em que são atores sociais dos mais visados e, muitas vezes, responsabilizados pelos resultados obtidos.

Daí a necessidade cada vez mais urgente de se vincular a teoria à prática (oportunizada em situações de extensão), tendo em vista a inserção do profissional

* Professores do Curso de Educação Física da Universidade Católica de Brasília

** Diretor do Curso de Educação Física

de educação no mundo do trabalho, qual seja a escola, maior lócus de aprendizado e reflexão sobre as práticas didático-pedagógicas. Muitas vezes, é a própria insatisfação diante de uma realidade adversa ou mesmo de ideais educativos inatingidos que nos faz procurar outros rumos e caminhos para nossa prática. Portanto, é preciso conhecer a realidade para repensá-la, papel ao qual a universidade não pode se furtar.

Nesse sentido, há que se salientar a essencialidade do trabalho do profissional de Educação Física, cujo papel deve ser constantemente revisto, já que além da própria carga negativa já apresentada pela tão desgastada e desvalorizada profissão docente, acresce-lhe o estigma, evidentemente equivocado, de que se trata de uma disciplina dispensável ou mesmo de um profissional que não necessita de conhecimentos acadêmicos que subsidiem sua prática, já que optou por apenas “jogar bola”. Superar tais estereótipos exige que sejam dadas ainda mais oportunidades de contato com a prática, de forma reflexiva, amadurecida e, principalmente, compromissada com a realidade social em seu âmbito de atuação.

Um chamado à reflexão

Tratar da atividade extensionista articulada a uma prática docente requer mais do que o planejamento de uma atividade de campo. É preciso deitar um olhar mais atento sobre as expectativas da comunidade atendida, suas reais fragilidades e as possibilidades que uma ação refletida podem detonar. Da mesma forma que ao se planejar tal atividade, não se pode perder de vista que seu objetivo não se centra apenas

na extensão, mas também no ensino. Uma das principais contribuições desta atividade refere-se à explícita intencionalidade de se aprender a partir da ação consciente na e para a realidade.

Reelaborar muitos de nossos conceitos pode, sem dúvida, ter sido um dos primeiros passos para que esta experiência se fizesse bem-sucedida. Trata-se de conhecer a realidade para poder, a partir dela e em função de suas necessidades, planejar uma intervenção respeitosa e profícua sob o ponto de vista do aluno atuante e da comunidade beneficiada.

Segundo o Parecer 09/01 – CNE, “a prática na matriz curricular dos cursos de formação não pode ficar reduzida a um espaço isolado, que a reduza ao estágio como algo fechado em si mesmo e desarticulado do restante do curso. Isso porque não é possível deixar ao futuro professor a tarefa de integrar e transpor o conhecimento sobre ensino e aprendizagem para o conhecimento na situação de ensino e aprendizagem, sem ter a oportunidade de participar de uma reflexão coletiva e sistemática sobre esse processo.” (BRASIL, 2001)

A idéia de ofertar as condições necessárias para que o processo de ação-reflexão –ação se concretizasse no curso de Educação Física da Universidade Católica de Brasília surgiu em 1998. Nesse sentido, a presente iniciativa permite a interação do graduando com situações



práticas associadas à teoria já nos semestres iniciais do Curso. Salientamos aqui a necessidade de lembrarmos que a associação entre teoria e prática não se reduz apenas à aplicação de conteúdos didático-pedagógicos à realidade, ou seja, não basta saber o que fazer e como, é preciso compreender o porquê fazer e o que nos motiva a fazer desta ou daquela maneira, bem como reconhecer o momento certo de adequar sua ação a realidades e situações inopinadas.

Braga (1999) acrescenta que “Ao perceber esse caminho, o estudante tornar-se-á sujeito ativo e atuante, mas, simultaneamente, submetido aos condicionantes que ampliam a sua visão de mundo socialmente transmitida e provocam um balanço do saber pré-existente, para atingir um nível cada vez mais elevado do conhecimento, mediado pela intervenção na prática social; adoção do princípio ação-reflexão; investigação da realidade; e construção de soluções para os problemas.”

As constantes mudanças por que passa a sociedade atualmente não nos permite afirmar que teorias e verdades presentes hoje serão as mesmas de amanhã, por isso a necessidade de que sejam oportunizadas ao profissional de educação condições de compreender sua prática numa perspectiva de investigador, de perscrutador da realidade em que atua. Dentre as diversas propostas constantes no Parecer 09/01 – CNE (1), chamamos atenção para o

destaque dado a algumas “características consideradas, na atualidade, como inerentes à atividade docente: orientar e mediar o ensino para a aprendizagem dos alunos; comprometer-se com o sucesso da aprendizagem dos alunos; assumir e saber lidar com a diversidade existente entre os alunos; incentivar atividades de enriquecimento cultural; desenvolver práticas investigativas; elaborar e executar projetos para desenvolver conteúdos curriculares; utilizar novas metodologias, estratégias e materiais de apoio e desenvolver hábitos de colaboração e trabalho em equipe.” (BRASIL, 2001)

Ora, como um professor poderá dominar tais competências sem conhecer a fundo a realidade em que atuará, sem perceber suas nuances e movimentos, seus problemas e possibilidades? Como perceber a síntese possível entre ensino e pesquisa se não a partir da extensão? Como elaborar projetos se não acreditar na possibilidade de mudança, de inovação ou mesmo na importância de sua atuação como docente que reconhece a necessidade de mudança na realidade atual?

Desta feita, há que se observar que é imprescindível garantir ao futuro professor o exercício de uma ação pedagógica intencionalmente humanitária aliada às experiências teóricas com as quais tem contato. No curso de Educação Física da UCB, esse conhecimento teórico é visto como algo a ser construído. Assim, a associação

entre ensino e extensão, obrigatoriamente, reveste-se de um caráter processual, cuja estratégia tem como ponto de partida a sala de aula, mas se desdobra para além de suas paredes, com vistas à aprendizagem do como aprender e buscar as



Núcleo de Fotografia UCB/Ronald Rodrigues

informações necessárias que subsidiem a análise, a reflexão e a síntese das constatações dos contrastes e semelhanças, aplicabilidade ou não do que se teoriza...

Tirar uma ou mais turmas de sala de aula, requer habilidade, compromisso, seriedade, participação, interesse e entusiasmo, além de comprometimento dos professores, alunos e entidade. A responsabilidade e os interesses são comuns quando são levados para fora da instituição, pois estabelecemos de imediato uma relação de cumplicidade com a aprendizagem e a valorização do profissional que ora formamos. O prazer e a satisfação de colocar em prática aquilo que passamos na teoria nos leva a sonhar com melhores expectativas para uma melhoria da qualidade no ensino. Desenvolver um projeto ou estudo, além da fronteira institucional, deixa-nos a sensação de que teremos uma carga de responsabilidade muito grande no dever de representar a entidade ou instituição à qual pertencemos. Nesse sentido, sensibilizar os estudantes é tarefa fundamental para obter sucesso na aplicação dos trabalhos, em que as conquistas são divididas para todos como uma equipe que vai a campo para vencer. A sensibilização passa pelo processo de valorização pessoal destes indivíduos para um bom empenho e interesse no desenvolvimento das tarefas propostas. É fundamental mostrar aos estudantes que o nosso desempenho depende muito da forma ou visão que ele venha a ter com essa transição de dentro da sala de aula para fora dela. Deixar claro alguns pontos fundamentais como o fato de que a Instituição e os professores serão agentes de informação e apoio é uma tarefa precípua neste contexto, já que as responsabilidades deverão ser divididas e trabalhadas em consenso. É preciso compreender que, se fizermos um trabalho digno e respeitoso diante da comunidade assistida, chegaremos não só ao sucesso como também ao reconhecimento de nossas ações.

Estimulante é, portanto, a cultura que se cria logo ao início do curso, quando se fecunda a idéia de que a extensão e o ensino se aliam, ampliando visões de mundo de maneira dinâmica e irreversível. Isso não implica que os egressos do curso de Educação Física serão detentores de um conhecimento absoluto ou imutável, mas implica a consciência do esforço a ser continuamente empreen-

dido para que sua prática profissional seja pautada numa atuação ética, responsável e solidária, pois ao pesquisar, identificar, reconhecer, analisar os percalços e possibilidades de sua tarefa, estarão melhor instrumentalizados para buscar novos caminhos.

Ressignificando a Educação Física

A Educação Física sofreu diversas influências, as quais não concretizaram seu real valor nas escolas, deixando de acompanhar as mudanças da área, praticadas sob o enfoque dos fins militares e dos fins olímpicos. A Educação Física escolar, no entanto, passou a ser reavaliada nos últimos anos, constituindo-se parte do currículo escolar desde a educação infantil com o objetivo de desenvolver a psicomotricidade do educando, quebrando a relação direta da atividade física com os esportes de alto rendimento.

Ao explorar novas concepções, cuja tentativa é de reformar o modelo anterior, notam-se diferentes teorias e concepções, ampliando as diretrizes de ação e reflexão dessa especialidade que aproxima das ciências mais importantes o aluno nessa fase, como, por exemplo, a Psicologia, a Filosofia, a Sociologia e a História. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) “...Embora contenham enfoques que diferenciados entre si, com pontos muitas vezes divergentes, têm em comum a busca de uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano.”

É imprescindível que o profissional de Educação Física garanta e proporcione uma constante reorganização pedagógica, de forma a ampliar e redimensionar a didática já existente. Ramalho (2000) assim se posiciona a este respeito “Muitos já perceberam que, enquanto joga futebol, handebol, voleibol ou basquete, a criança expressa sentimentos, crenças e modos de pensar - um conjunto de elementos batizado de cultura corporal. Essa compreensão amplia os objetivos do educador, que deixa de querer apenas garimpar futuros atletas e passa a se preocupar com a formação de cidadãos.”

Chalita (2001) acrescenta, nesse sentido, que “O aluno precisa do humano. Em um mundo onde a violência grassa cada vez mais, onde a agressividade é absolutamente assustadora, a solução não está em mais

agressividade, nem em armamentos modernos. A solução está no afeto. (...) O início da revolução educacional precisa começar com singelas manifestações de amizade e comprometimento, de competência, solidariedade e amor.”

Todavia, sabemos que nem sempre a realidade é assim, conforme se pode verificar nos PCN (BRASIL, 1998) “... infelizmente, encontram-se, ainda em muitos contextos a prática de propostas de ensino voltadas em concepções ultrapassadas, que não suprem as necessidades da educação contemporânea”. A universidade deve enfatizar a constante transformação no ensino, tendo em vista as mudanças que interessam à formação de um profissional com uma visão mais complexa, da realidade, de forma a possibilitar a aquisição de conhecimentos de forma crítica e autônoma. Se a universidade não absorver, em sua prática educativa, os princípios que apregoa, como poderá ensinar seus alunos, futuros professores, a fazê-lo?

Sacristán e Gómez (2000) corroboram “Os professores serão profissionais mais respeitados quando puderem explicar as razões de seus atos, os motivos pelos quais tomam umas decisões e não outras, quando ampararem suas ações na experiência depurada de seus colegas e quando souberem argumentar tudo isso numa linguagem além do senso comum, incorporando as tradições do pensamento que mais contribuíram para extrair o significado da realidade do ensino institucionalizado. Para transformar, é preciso ter consciência e compreensão das dimensões que se entrecruzam na prática dentro da qual nos movemos.”

Essa visão vem ao encontro de como concebemos o ensino no Curso de Educação Física, cuja função não pode se contrapor à consciência de que o conhecimento não se conclui em si mesmo, mas é pano de fundo para uma ação dialógica e fraterna para além da sala de aula.

Da sala de aula para as ruas

“Da sala de aula para as ruas” é uma iniciativa do curso de Educação Física da UCB, no intuito de agregar, aos conhecimentos propostos na disciplina “Recreação e Jogos”, a possibilidade de reinvenção do espaço tra-

dicional de aprendizagem, qual seja a sala de aula. Tal iniciativa se baseia na concepção de Universidade como locus ideal para se instigar vontades, desejos, buscas... tantas vezes oportunizadas em contextos alternativos de aprendizagem.

Pensar na realidade como espaço alternativo de aprendizagem pode parecer, ou talvez seja mesmo, uma incongruência, entre tantas que encontramos na educação. E apesar de tal incongruência, devemos reconhecer suas implicações enquanto fato tão presente em nosso cotidiano. Devemos ainda reconhecer que são múltiplos os movimentos na tentativa de superação destes limites.

Neste sentido, é que a presente iniciativa se configura como processo de articulação entre teoria e prática. À comunidade acadêmica cabe desenvolver projetos de extensão que propiciem o atendimento às necessidades da comunidade em que se insere a universidade, bem como a incorporação, por parte dos alunos, de valores humanitários tão indispensáveis, embora muitas vezes ausentes, a um convívio social harmônico. Para que isso ocorra, no entanto, é preciso ter claro que a extensão não deve passar de mero complemento do plano de ensino.

O curso de Educação Física da Universidade Católica de Brasília, observando estes preceitos, visa a promover, a estimular e a orientar iniciativas que ampliem, diversifiquem e democratizem oportunidades de lazer, organizadas em parceria com grupos comunitários ou instituições públicas e privadas. A motivação e a preparação são de extrema importância quando trabalhados para um determinado fim. Nesse sentido, é fundamental mostrar, aos futuros profissionais de educação física que irão a campo, o valor desta incursão.

Dentre outros aspectos, é necessário mostrar aos alunos e à comunidade assistida que as ações ali empreendidas contribuem efetivamente para a formação de cidadãos conscientes da necessidade cotidiana do lazer, tendo em vista que sua vivência proporciona muitos benefícios, como o fortalecimento de relações interpessoais, o aumento do prazer, da alegria, da criatividade e da solidariedade.

Este programa se caracteriza como proposta socio-educativa que procura capacitar alunos e lideranças

comunitárias para a criação, planejamento, execução e avaliação de atividades diversificadas de esporte e lazer que estimulem a cooperação, o respeito, o diálogo, a auto-estima e a expressão criativa.

As atividades desenvolvidas oportunizam práticas de lazer para todas as pessoas, sem discriminação de sexo, idade, raça, classe social e portadores de necessidades especiais. São realizadas como apoio a iniciativas de recreação e lazer por meio de assessoria técnica, palestras educativas, cursos de capacitação de agentes multiplicadores de lazer e empréstimo de materiais.

A Rua de Lazer é, portanto, um espaço de encontro e convívio de pessoas e grupos, para exercício de expressividade, criatividade e vivência. Consiste em um conjunto de atividades amplas e diversificadas, abrangendo os interesses físico-esportivos, artísticos, manuais, intelectuais, sociais e turísticos. A Rua de Lazer busca integrar pessoas de todas as idades, sem distinção de raça, sexo, classe social e de pessoas portadoras de deficiência. Atualmente, a Rua de Lazer é desenvolvida mediante uma parceria entre as administrações regionais e a Universidade Católica de Brasília. Ainda sobre a conotação histórica, temos a rua de lazer como a rua que antes era um local onde as crianças podiam realizar suas brincadeiras, de forma a se integrarem, discutindo regras e escolhendo brincadeiras, etc. Com a evolução das cidades, tivemos uma diminuição dessa cultura, surgindo os grandes parques, com seus brinquedos atraentes e que, em sua maioria, limitam os movimentos das crianças a uma mera tecnologia virtual. Para a realização de uma Rua de Lazer em uma comunidade, é necessária uma solicitação ao curso de Educação Física em nome do Profº Mileno Tonissi, diretor do curso, via ofício, justificando a sua necessidade e contendo sugestão de data, horário e local. É desejável também a disponibilidade de membros da comunidade que possam estar contribuindo na organização do evento. Após a aprovação da realização, que é determinada segundo critérios da disciplina de Recreação e Lazer, é realizada, pela turma, uma vistoria técnica no local indicado para se definir a programação das atividades, e elaboração de um layout, conforme as condições que este lugar oferece.

A preparação teórico/prática ocorre como um ritual,

em que os alunos têm uma noção teórica das providências que devem ser tomadas tais como: mobilizar os alunos interessados em participar do evento, autorização de órgãos competentes (Detran, Polícia Militar, Defesa Civil, Corpo de Bombeiros, Secretaria de Saúde, etc), fazer um levantamento do perfil socioeconômico da clientela, planejar as atividades que poderão ser desenvolvidas, dividir todas as tarefas por grupos, providenciar materiais, transportes, lanches, elaborar e desenvolver a divulgação junto aos responsáveis pelo evento, planejar a avaliação do evento e preparar as declarações para os participantes (alunos e professores).

A necessidade de estruturação dos objetivos e dimensionamento das atividades a serem desenvolvidas requer uma infra-estrutura voltada para estas ações. Os cuidados que devem ser tomados, antes de sair do universo da sala de aula, vêm acompanhados de preocupações tais como: aonde vou? O que desenvolver? Como será que as pessoas vão se comportar? Terei uma estrutura adequada para desenvolver os meus trabalhos? Terei tempo para isso?

Partimos do princípio de que todos, sem exceção, devem participar e para tanto, deve haver uma preparação dos estudantes no sentido de que um conteúdo mínimo tenha sido desenvolvido para que estes tenham condições de atuar junto à comunidade, sentindo-se suficientemente seguros e preparados. Não devemos nos esquecer ainda de que nós aprendemos com a comunidade e que seus membros sabem melhor do que nós das dificuldades e necessidades deles próprios. Não menosprezá-los é, sem dúvida, um ponto fundamental para um desenvolvimento harmonioso das atividades pretendidas. Assim, não devemos esquecer de que o levantamento das expectativas da comunidade é importantíssimo para a elaboração e a adequação das atividades que serão desenvolvidas, principalmente porque, a partir dessa postura, estabelecemos um clima positivo em que a comunidade se sente antecipadamente engajada à atividade.

Conhecer o local, trocar conhecimentos com a comunidade, levantar os interesses, convidar membros da comunidade para participarem da elaboração e desenvolvimento das atividades por eles sugeridas, são aspectos fundamentais para um desempenho adequado

de nossos alunos.

A discussão em grupo deve ser estimulada sempre, pois permite uma ação refletida e constantemente revista por todo o grupo, bem como o acompanhamento do professor em todo o processo. Propor atividades que contribuam para a melhoria do convívio social das comunidades assistidas é importante para o bom desempenho das tarefas sugeridas. Essa prática dialógica deve acontecer tanto na fase de desenvolvimento como para finalizar as atividades, em um momento destinado à avaliação das experiências vividas durante todo o processo de organização da Rua de Lazer.

A última Rua de Lazer aconteceu na Cidade da Estrutural, no segundo semestre de 2003. Fomos contatados pelos líderes comunitários que expuseram a necessidade de desenvolvermos uma Rua de Lazer voltada para informações e criação de novos hábitos de higiene e saúde. Foram envolvidas as quatro turmas de Recreação e Lazer com 40 alunos cada e as atividades foram elaboradas a partir do tema “Saúde e criação de novos hábitos higiênicos”. Foram desenvolvidas atividades de caráter informativo e formativo e as brincadeiras eram na maioria trabalhadas no intuito de criar hábitos e atitudes saudáveis. Dentre os temas abordados, buscamos mostrar a imprescindibilidade de preservação ambiental e limpeza em provas como gincanas (Ex: Quem consegue pegar mais papel para reciclagem, quem consegue chegar primeiro e catar o maior número de objetos para reciclagem, e ao final contar, pesar e medir para saber o quanto cada equipe conseguiu e os integrantes eram chamados a falar sobre a importância deste ato). Foram atingidas aproximadamente 700 pessoas entre adultos, jovens e crianças e a avaliação foi extremamente positiva, inclusive foi constatada a real necessidade de que este tipo de atividades fosse desenvolvido mais vezes com esta comunidade. O crescimento da turma foi assustador, porque perceberam que não precisamos só de material caro e específico para desenvolvermos atividades e sim de nos organizarmos e criarmos estratégias de desenvolvimento de trabalho voltados para o centro de interesse e carência.

“A caminhada se torna criativa porque impulsionada pela iniciativa, coragem, determinação de tornar

a idéia concretizada, viva, pulsante... se mostra inquietadora.(...) Convencida de sua amplitude, envolvida pelo que pode somar ou testar, detonada a andança, podem até surgir no meio do caminho outros empecilhos. Alguns previstos, outros insuspeitos. E, então, é tempo de inventar alternativas, outros atalhos, chamar outras pessoas, refazer o grupo, rediscutir prioridades ou metas.” (ABRAMOVICH, 1998)

Enfim, como resultados efetivos no que tange aos aspectos pedagógicos, a atuação na Rua de Lazer abre uma nova perspectiva para o futuro profissional a partir do aprofundamento teórico/prático das atividades de recreação e lazer e suas implicações e aplicações, por intermédio do contato com a comunidade assistida. Uma vez que o lazer é interdisciplinar, cada aluno ao final do semestre está apto a aplicar os conceitos adquiridos, o que permite a formação de uma base sólida, transmitida através de conceitos e dicas sempre associados à prática. Ensinaamos, desta feita, nossos alunos a pescar. Nunca entregamos o peixe. Não vendemos receitas ou teorias distantes da realidade, mas propiciamos a oportunidade de aprender a executá-las. A disciplina Recreação e Lazer visa, entre outros, à formação profissionais habilitados a gerir eventos e recreação com consciência da necessidade do lazer e do brincar como elementos de qualidade de vida e saúde. Nesse sentido, as atividades práticas voltam-se para um mercado de trabalho que exige profissionais capazes de perceber, avaliar e atuar nos diversos aspectos da recreação e lazer.

Considerações finais

Os resultados encontrados nesta experiência têm sido dos mais consistentes. “A crise pela qual passa o ensino no Brasil é de grandes proporções, mas há muitas possibilidades de quebrar paradigmas e construir outro conceito de educação, de forma concreta, por meio de ações simples que produzam resultados profundos. São pequenos gestos que provocam mudanças, e a intervenção de cada um de nós, mesmo que numa tímida esfera de atuação, produz resultados alentadores.” (CHALITA, 2001)

É possível, nesse novo contexto, acompanhar o amadurecimento dos alunos ao longo dos semestres,

já que são muitas as oportunidades de se inserir neste contexto de extensão e tem sido bem sucedida a tentativa de realização de uma aprendizagem verdadeiramente significativa e relacionada à comunidade em que se insere. Complementarmente, é possível verificar o entusiasmo crescente dos professores que têm acompanhado o processo de formação destes novos professores. O pressuposto é de que a educação é uma atividade das mais complexas e que a formação de professores só se realizará de fato na comunidade, para a comunidade e a partir da comunidade, baseando-se numa prática que se fundamenta no conhecimento teórico a ela associado.

“Mas aí está o desafio. Educar para a tolerância adultos que atiram uns nos outros por motivos étnicos e religiosos é tempo perdido, tarde demais. A intolerância selvagem deve ser, portanto, combatida em suas raízes, através de uma educação constante que tenha início na mais tenra infância, antes que possa ser escrita em um livro, e antes que se torne uma casca comportamental espessa e dura demais.” (ECO, 1997)

Esse movimento interno de reflexão e ação mobiliza um grupo de professores que, longe de acharem já ter encontrado o caminho das pedras, considera-se, assim como seus alunos, eternos aprendizes deste ofício de formar formadores. Não obstante tenhamos consciência dos caminhos já trilhados, cabe salientar que, a estas iniciativas, agregam-se constantemente outras tantas na incessante busca de aprender a aprender fazendo, experienciando, tentando... ser agente atuante na comunidade da qual faz parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Tanny. **O Professor não duvida! Duvida?** 3. ed. São Paulo: Gente, 1998.

BRAGA, Amélia Eloy Santana. **Estágio Curricular: intervenção na prática social.** Uma proposta para a UCB. Brasília: Editora Universa, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE n. 09/01.** Brasília, 08 de maio de 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Desportos. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, 1998.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto.** 7. ed. São Paulo: Gente, 2001.

ECO, Umberto. **Cinco Escritos Morais.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

HERRERA, J. R. **Educação e exclusão na América Latina: reformas em tempos de globalização.** Traduzido por Norisa Kassin Penteado. Brasília: Universa, 2000.

RAMALHO, Priscila. Renovação nas quadras. In: **Nova Escola.** São Paulo: Abril, ano XV, n. 134: p. 16-23, 2000.

SACRISTAN, J. Gimeno; GÓMEZ, A I. Pérez. **Compreender e Transformar o Ensino.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.